Suplemento Publicitário integrado na Revista Indústria n.º 129

ECONOMIA PORTUGUESA

Sustentabilidade · Ambiente · Descarbonização

Soluções empresariais para a sustentabilidade

As questões da sustentabilidade são hoje uma realidade inequívoca nas estratégias empresariais, quer no decurso das cadeias de valor quer no relacionamento com clientes, fornecedores e parceiros de negócio. Trata-se de criar um modelo de desenvolvimento que responda aos requisitos do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras suprirem as suas próprias necessidades. O desenvolvimento sustentável pressupõe assim uma visão integradora do progresso e inclui as dimensões económicas, ambientais e sociais, constituindo um desafio e uma oportunidade para o setor empresarial.

Destaques

CONTROLO DE CONTAMINAÇÕES 2

DESCARBONIZAÇÃO NO SETOR MARÍTIMO 4

ECONOMIA CIRCULAR 6

Aproveitar a crise para um novo paradigma de desenvolvimento sustentável

SOFIA SIMÕES INVESTIGADORA DO LNEG

A 26ª Conferência das Partes (COP) da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas está agendada para o final de outubro e decorre até meados de novembro. A 5 de outubro de 2021 o prémio Nobel da Física foi atribuído a dois cientistas que estudam as alterações climáticas. Os preços de energia nos mercados europeus estão a atingir níveis elevadíssimos nunca antes observados, que levam vários decisores nacionais e europeus a reequacionar o desenho dos mercados de energia. Com menos destaque na comunicação social, decorre também em outubro de 2021 uma outra convenção da ONU, a da Biodiversidade (diversidade biológica). Estamos a assistir a uma rutura na cadeia mundial no abastecimento de semicondutores e micro-chips, o que poderá causar uma descida até um ponto percentual apenas no PIB dos Estados Unidos da América e levou o seu Governo a adotar várias ações[1].

O que têm em comuns todas estas iniciativas? Todas respondem ao facto do nosso sistema económico estar dependente de recursos naturais cuja disponibilidade nos moldes como conhecemos está a ser alterada. Dependemos de atividades económicas assentes, em maior ou menor grau, nos processos biofísicos e serviços de ecossistema que o nosso planeta disponibiliza. E nas últimas décadas temos vindo a aumentar os níveis de perturbação humana nos nove eixos dos limites planetários[2]. Estes traduzem a distância entre o grau de perturbação humana e a capacidade regenerativa do planeta para as seguintes nove perturbações ambientais: depleção do ozono estratosférico, poluição química/por substâncias ainda desconhecidas, uso de água doce e ciclo global da água, acidificação dos oceanos, aumento de aerossóis na atmosfera, perca de integridade da biosfera (i.e. perda de biodiversidade), alterações do uso do solo, fluxos biogeoquímicos de nutrientes e alterações climáticas. Destes nove limites planetários, os últimos quatro já foram ultrapassados. Com o melhor conhecimento científico à data, torna-se evidente que é impossível manter o nosso sistema económico funcional no longo prazo sem levarmos a cabo alterações drásticas.

É neste quadro que se torna imperativo acelerar a implementação dos objetivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas. As referidas alterações drásticas na economia não têm que ser necessariamente um dano. Pelo contrário, podem-nos trazer ganhos e benefícios. Nos últimos dois anos o planeta abrandou es-

1. https://www.whitehouse.gov/briefing-room/blog/2021/09/23/when-the-chips-are-down-preventing-and-addressing-supply-chain-disruptions/

2. Steffen, W., Richardson, K., Rockström, J., Cornell, S. E., Fetzer, I., Bennett, E. M., Biggs, R., Carpenter, S. R., Vries, W. de, Wit, C. A. de, Folke, C., Gerten, D., Heinke, J., Mace, G. M., Linn M. Persson, Veerabhadran Ramanathan, Reyers, B., & Sverker Sörlin. (2015). Planetary boundaries: Guiding human development on a changing planet. Science, 347(6223). https://doi.org/10.1126/science.1259855

magado pela pandemia de COVID-19. De entre o silêncio em que mergulharam os aeroportos, autoestradas, centros comerciais e edifícios de escritórios, emergiram novas formas de trabalhar, colaborar, produzir e consumir. Pelo meio da crise económica, de onde estamos ainda a tentar emergir, pudemos aperceber-nos de que temos (enquanto sociedade), capacidade de nos adaptar e de mudar, seguramente muito mais do que o que teríamos imaginando que seria possível no final de 2019. O teletrabalho e as teleconferências possibilitaram reduções drásticas de emissões para a atmosfera. O choque na mudança abruta de alguns padrões de consumo e as novas necessidades de outros bens levou-nos a muito rapidamente ajustar diversos setores produtivos portugueses para os produzir. É o caso do álcool-gel, dos equipamentos de proteção individuais como as máscaras e os testes COVID19. Pudemos constatar que tínhamos capital humano e tecnológico em Portugal que foi capitalizado para alguns dos desafios enormes com que nos confrontámos.

Não obstante, a crise económica e social causada pela pandemia foi esmagadora e ainda não estamos recuperados. Muitas famílias e empresas estão a pagar ainda a fatura e a recuperação será demorada. No entanto, este abanão deu-nos algum tempo para refletir. Como podemos recuperar-nos? Vamos querer voltar ao sistema que tínhamos? Ou iremos ambicionar ser melhores? Mais resilientes a novos choques que seguramente nos esperam? A implementação dos objetivos de desenvolvimento sustentável, com custos e encargos no curto prazo, irá permitir evitar custos muito maiores no médio e longo prazo. Ser sustentável permite ser mais resiliente e mais adaptável. Ser sustentável não é uma opção. É uma estratégia de sobrevivência. Sem recursos naturais, sem os serviços de ecossistema de que dependemos, não há capital natural. E sem capital natural não há capital humano e financeiro. Temos capacidades e conhecimento que podemos capitalizar. Resta-nos ambição e organização para alterarmos a nossa economia e sociedade para aumentar a sua sustentabilidade. Um desafio a todas as empresas será, caso ainda não o tenham feito, avaliar a sua vulnerabilidade e impacto nestes limites planetários. Que matérias-primas críticas consomem nas suas cadeias de valor? Como podem aumentar a circularidade dos seus processos produtivos? Como podem reduzir a dependência de cadeias de abastecimento vulneráveis? Nas palavras de Johan Rockström, Diretor do PIK - Instituto Potsdam de Investigação Sobre o Impacte Climático: "Não é utopia pensar que podemos salvar o planeta".